

VELHICE E CRIMES SEM CASTIGO: MACHADO DE ASSIS E LYGIA FAGUNDES TELLES

FRANCISCO TOPA*

Resumo: *A chegada à matura idade é muitas vezes pretexto para uma reflexão sobre a vida passada, numa espécie de ajuste de contas do sujeito consigo mesmo e com o mundo em que lhe coube viver. São dois casos deste tipo que o artigo aborda: o do conto de Machado de Assis «O enfermeiro» e o que é narrado numa ficção de Lygia Fagundes Telles, «Helga». Segundo a análise apresentada, ambos os protagonistas são velhos em paz consigo mesmos, para quem a confissão não é uma forma de arrependimento, mas antes oportunidade para transmitir uma visão da vida segundo a qual o crime é aceitável. Essa visão está tocada pelo cinismo que caracteriza a obra de ambos os autores e contém uma sabedoria que, para retomar outro conto de Lygia Fagundes Telles, seafia «na pedra da morte».*

Palavras-chave: *Velhice; Crime; Confissão; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.*

Abstract: *The arrival of old age is often a pretext for a reflection on past life, in a kind of reckoning of the subject with him or herself and with the world in which he or she has lived. It is two such cases which the article analyses: Machado de Assis' «O enfermeiro» (The Nurse) and the one narrated in «Helga», by Lygia Fagundes Telles. According to the analysis presented, both protagonists are old and at peace with themselves and for whom the confession is not a form of repentance, but rather an opportunity to transmit a vision of life according to which crime is acceptable. This vision is touched by the cynicism which characterises the work of both authors and contains a wisdom which, to refer to another tale by Lygia Fagundes Telles, sharpens itself «on the stone of death».*

Keywords: *Old age; Crime; Confession; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.*

A chegada à matura idade é muitas vezes pretexto para uma reflexão sobre a vida passada, numa espécie de ajuste de contas do sujeito consigo mesmo e com o mundo em que lhe coube viver. Influência ou não de uma moral de base judaico-cristã, o indivíduo em fim de vida é levado amiúde a fazer uma espécie de confissão que pode incluir o reconhecimento de erros e até de crimes. Esta prática ocorre também na literatura, sob formas muito diversas, que vão do magistral *Crime e Castigo* de Dostoiévski à *Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro, entre tantos outros.

Assumindo a forma de narrativa ficcional, a confissão é quase sempre um processo doloroso que traz para fora o que estava escondido, o indizível, o pessoal. Mas a confissão escrita, ao contrário do sacramento católico, não está protegida pelo segredo nem tem uma absolvição mais ou menos garantida. Nisto se aproxima da

* Universidade do Porto/CITCEM. Email: ftopa@letras.up.pt.

confissão judicial, tanto mais que pode implicar a assunção de um ato condenável, seja ao nível social, seja na esfera penal.

Mais complexa é a confissão que não passa pela contrição, sobretudo quando o sujeito assume uma postura de indiferença moral e até de uma certa sobrançeria e jactância, anulando a distância entre o tempo da narração e o tempo da narrativa, ou até projetando este último no primeiro. A questão deixa, assim, de ter que ver com a culpa, subsistindo, contudo, o problema do julgamento a ser feito pelo leitor, colocado no papel duplo de testemunha (de confessor) e de juiz e confrontado com o problema de aferir a veracidade da confissão. De qualquer modo, mesmo nesses casos, a confissão não deixa de ser um reflexo do funcionamento de um poder que, de forma direta ou indireta, constrange o indivíduo, como teorizou Foucault¹, fazendo de cada pessoa uma vigilante de si mesma.

A velhice, e, portanto, a proximidade da morte, pode constituir uma forma de perturbação do modelo social, tanto mais que põe em causa esse poder: o idoso que confessa um crime tem quase garantida a impunidade, sobretudo se o faz às portas da morte. Esta é de resto uma questão que alguns sistemas judiciais consideram de forma particular, estabelecendo uma distinção (na lei e/ou na sua aplicação) entre o cidadão comum e o cidadão idoso².

São dois casos deste tipo que iremos agora rapidamente considerar. O primeiro comparece no conto de Machado de Assis «O enfermeiro», que integra o volume *Várias histórias*, de 1896³; o segundo é narrado numa ficção de Lygia Fagundes Telles, «Helga», do livro *Antes do baile verde*, de 1970.

Embora ambos os textos, sobretudo o primeiro, sejam bastante conhecidos, talvez se justifique um brevíssimo resumo da intriga. Em «O enfermeiro», Procópio conta a um narratário não identificado um episódio ocorrido quando tinha 42 anos. Tendo sido chamado a desempenhar as funções de enfermeiro (hoje diríamos cuidador) de um velho e irascível coronel do interior, que «gastava mais enfermeiros que remédios»⁴, reage a uma agressão e acaba por asfixiar e matar o seu paciente. Trata-se, pelo menos em aparência, de um homicídio involuntário, embora os esforços de encobrimento do narrador suscitem algumas dúvidas. Para complicar a questão, Procópio receberá mais tarde a notícia de que o coronel fizera dele herdeiro universal, o que lhe colocará um dilema moral que o tempo se encarregará de mitigar e até de apagar, como parece mostrar o epitáfio que para si mesmo escolhe: «Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados»⁵.

¹ FOUCAULT, 1978.

² Cf., por exemplo, BURGOA, 2012.

³ Mas publicado doze anos antes, em julho de 1884, na «Gazeta de Notícias», sob o título de «Cousas Intimas».

⁴ ASSIS, 1998: 209.

⁵ ASSIS, 1998: 217.

Na história de Lygia, um narrador que declara chamar-se Paulo Silva e ser brasileiro mas que acrescenta já ter sido Paul Karsten, alemão, conta com grande naturalidade e sem remorsos o «seu crime de guerra, pessoal e por conta própria, mas fora do lugar e com a pessoa errada»⁶: o roubo da perna ortopédica da sua mulher, em plena noite de núpcias, o que lhe permite, na Alemanha do pós-II Guerra, financiar um negócio de tráfico de penicilina que o fará enriquecer e lhe permitirá mais tarde, aproveitando uma amnistia, regressar ao Brasil e recuperar a cidadania brasileira.

Como seria de esperar de textos de autores bem distintos, separados por quase um século, são grandes as diferenças entre as duas histórias, a começar pelo tipo de crime. Há, porém, muitos pontos de contacto, designadamente ao nível dos benefícios resultantes da prática dos delitos e, mais ainda que o não arrependimento dos sujeitos, uma espécie de vaidade sarcástica dos dois narradores autodiegéticos.

E este é talvez o primeiro ponto a sublinhar: em ambos os contos, o relato assume uma forma próxima da confissão, sendo feito em primeira pessoa e com uma distância considerável entre o tempo da narração e o tempo da narrativa. Na história de Machado de Assis, Procópio dirige-se a um narratário não identificado, a quem começa por perguntar: «Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1869 pode entrar numa página de livro?»⁷. Fica assim, por antecipação, sinalizada a singularidade da ocorrência, mas também o motivo que parece justificar o seu relato — a entrada «numa página de livro». A confissão («geral», como declara a certa altura o narrador) é, na verdade, por um lado, uma *reconfissão* («Parece-lhe então» indica que houvera um contacto anterior, provavelmente uma conversa, em que o caso fora contado ao narratário); por outro lado, uma confissão a prazo («não há de divulgar nada antes da minha morte» — é a condição imposta); por outro lado ainda, uma confissão simultaneamente pública, a integrar num livro, e cheia de omissões (do lugar dos acontecimentos, por exemplo, sabemos apenas tratar-se de «certa vila do interior»)⁸. Também não sabemos exatamente quanto tempo medeia entre o relato e o acontecimento, conquanto se depreenda que é considerável: «Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada»⁹. Próximo agora da morte, Procópio faz do seu correspondente e narratário seu confessor e seu mensageiro, mas também um herdeiro a quem oferece «os meus sapatos de defunto»¹⁰: o relato, a confissão, passa assim a herança, invertendo-se de certa forma os papéis das duas entidades. De facto, aquele que foi enfermeiro é agora enfermo; aquele que no passado

⁶ TELLES, 1999: 43.

⁷ ASSIS, 1998: 208.

⁸ ASSIS, 1998: 208.

⁹ ASSIS, 1998: 217.

¹⁰ ASSIS, 1998: 208.

herdou e enriqueceu tem agora uma herança a transmitir, também ela suscetível de enriquecer o legatário.

O bem a legar está condensado na versão parodiada de uma das Bem-Aventuras: «Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados»¹¹. Deixando de lado as diferenças na fixação e tradução do texto, a versão portuguesa atual para Mt 5:4 é bem diferente: «Felizes os que choram, porque serão consolados». No outro relato das Bem-Aventuras, o de Lucas, lê-se: «Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir»¹². Como interpretar esta sugestão de epitáfio? Como a glorificação da riqueza e da forma de alcançá-la, que neste caso resultou de um homicídio? Ou, pelo contrário, como uma espécie de lamento, numa sugestão de que a posse acarreta um tal sofrimento que justifica o consolo depois da morte? A falta de remorso e o reconhecimento de que «o prazer íntimo, calado, insidioso crescia dentro de mim, espécie de ténia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando»¹³ — não deixam certamente dúvidas. A ambiguidade da fórmula representa, contudo, o risco da incompreensão. Como lembra Bernardo Soares no *Livro do desassossego*: «Que há de alguém confessar que valha ou que sirva? O que nos sucedeu, ou sucedeu a toda a gente ou só a nós; num caso não é novidade, e no outro não é de compreender»¹⁴.

O desfecho do conto de Lygia Fagundes Telles também não é inequívoco. A explicação do crime (e da necessidade da sua confissão) contida na última frase do texto presta-se a interpretações equivocadas, como aliás se vê em diversas leituras críticas¹⁵. Diz o narrador: «Hoje, o analista explica que simplesmente procuro e encontro, na insipidez da virtude, a punição de Paul Karsten e de seus camaradas»¹⁶. Ao contrário do que pensa a maioria dos comentadores deste conto, creio que a personagem é levada a rever o episódio, não por causa de nenhum tipo de arrependimento, mas antes pelo desejo de contrariar a «insipidez da virtude», na pele do seu nunca esquecido duplo Paul Karsten, o tal que foi capaz de praticar «o ato de raça de senhor alemão aprendido nas aulas floridas dos cursos de 1936»¹⁷. Aqui, como no conto de Machado de Assis, a confissão — oral, perante o psicanalista, ou escrita, sem alocutário particularizado — é uma forma de preservar a memória contra o esquecimento, a vida contra a morte, afirmando-se, pois, como bálsamo e remédio para uma doença comum: a insipidez da virtude das pessoas banais.

¹¹ ASSIS, 1998: 217.

¹² Lc 6, 21.

¹³ ASSIS, 1998: p. 216.

¹⁴ PESSOA, 2007: 54.

¹⁵ Por exemplo, SARMENTO-PANTOJA, LIMA, 2015.

¹⁶ TELLES, 1999: 43.

¹⁷ TELLES, 1999: 43.

Contra o que possa parecer a uma primeira leitura, o protagonista de Lygia não chega a passar por uma verdadeira crise de identidade: a mudança para «Paulo Silva, brasileiro» é uma mera conveniência burocrática. Ele é, foi sempre, Paul Karsten, «filho de alemã de Santa Catarina e desse Silva brasileiro que não cheguei a conhecer. Mãe alemã nascida no Vale do Itajaí, neta de proprietários em Vila Corinto desde 1890, pude ver isso nos papéis. Mas alemã mal vista porque se casou com o Silva»¹⁸.

A representação do tema do imigrante alemão, designadamente no período que rodeia a II Guerra Mundial, não é particularmente forte na literatura brasileira, embora o fenómeno seja historicamente importante, e não apenas devido a casos como o de Olga Benário Prestes, a companheira judia de Luís Carlos Prestes, deportada pelo regime de Vargas para a Alemanha em 1936 e aí executada depois de dar à luz. Segundo Stanley Hilton¹⁹, o Brasil tinha, na década de 30, uma das maiores populações alemãs fora da Alemanha, com 100 000 pessoas nascidas ainda na Europa e uma comunidade de quase um milhão de brasileiros de ascendência alemã. Com o avanço do nazismo e, sobretudo, com a entrada do Brasil na guerra, o cerco a este grupo foi-se apertando, não apenas com uma hostilização popular crescente, mas também por intermédio de uma série de medidas legais que incluíram a proibição do ensino em alemão e a censura prévia de publicações nessa língua.

Rubem Braga, em *Uma fada no front* — antologia de crónicas que escreveu para a «Folha da Tarde» entre julho e outubro de 1939, quando viveu em Porto Alegre —, analisa com grande ponderação e sensibilidade o problema da integração e do abrasileiramento desses colonos. Veja-se esta passagem em que dá conta da sua visita a Joinville:

Para me tornar mais perplexo sem me fazer mais incoerente, Deus encheu meu coração de um frio desprezo pelo nazismo e de um cáldo amor pela Alemanha. Foi assim com uma espécie de melancolia que eu vos amei à primeira vista, doce Joinville. Amei vossas casinhas ao mesmo tempo sensatas e líricas, tantas de madeira, com o sótão gracioso e as cortinas claras se balançando nas janelas. Tudo tinha um ar de limpeza e de bom gosto, tudo era simples e puro, com uma harmonia singela. Graves pais de família passavam às vezes de bicicleta levando seus embrulhos, seu guarda-chuva — e seus bigodes ruivos. E vi meninas de duas tranças louras com fitinhas azuis, vi moças altas e ágeis falando um alemão meio adoçado pela distância, vi gordas senhoras vermelhas e maternais. Tudo aquilo era Alemanha e entretanto eu me obstinava em ver ali um vago ar de Brasil, em doce conjunção. Compreendi que há problemas que devem ser tratados ao

¹⁸ TELLES, 1999: 37.

¹⁹ HILTON, 1983.

*mesmo tempo com a força e o carinho, problemas que ao mesmo tempo precisam de solução urgente e lenta, vagarosa e macia. E um fino problema de conquista é uma complicada campanha de armas e de sentimentos*²⁰.

A sua proposta para a conquista definitiva dos colonos mais novos assentava na educação maternal fornecida pela professora primária, que ele considera «uma fada no front»:

*Trata-se de um front sentimental; mas são os fronts sentimentais que marcam as linhas dos outros. Não se trata, neste país de muitas terras e pouca gente, de conquistar terras, mas conquistar gentes; e gente só se conquista pelo coração. É gente de nossa terra que essa lutadora está conquistando para nossa terra. Quando sua mão passa, ternamente, pela cabeça áspera de um pretinho ou pela cabecinha macia de um menino louro, ela está semeando compreensão pelas nossas colheitas de ideal. Não está ensinando geografia, nem leitura, nem aritmética; está ensinando Brasil*²¹.

Não foi esse o percurso da personagem de Lygia: a partir de 1935, o seu destino foram «férias, cursos de aperfeiçoamento, amizades e amores na Alemanha»²². A eficácia do método suscita, no presente da narração, uma aparente e ingénua dúvida no narrador:

*De resto, eu e meus camaradas de armas éramos parecidos, menos numa coisa; nunca consegui estabelecer um vínculo entre essa guerra e as férias na Junghaus em meio dos piqueniques nas florestas e excursões pelas estradas marginais de verdor. As aulas tão nítidas eram para isso? A palavra unerbittlich significa mesmo implacável e era para valer? Só mais tarde, depois da guerra, descobri dentro de mim que aprendera a lição*²³.

O roubo da perna ortopédica é, de facto, «o ato de raça de senhor alemão»²⁴. É, contudo, menos certo que tenha sido aprendido apenas «nas aulas florais dos cursos de 1936» e, sobretudo, que tenha sido praticado «por um pobre rapaz brasileiro». O autor deste crime é, de certa maneira, o Teodoro da novela *O Mandarim* de Eça de Queirós que está bem consciente de que o toque da sineta que lhe dará acesso à

²⁰ BRAGA, 1994: 31.

²¹ BRAGA, 1994: 67.

²² TELLES, 1999: 37.

²³ TELLES, 1999: 38.

²⁴ TELLES, 1999: 38.

riqueza implicará a morte do mandarim. Faltam-lhe apenas — e nisto reside toda a diferença — o remorso e o arrependimento. Poder-se-ia ainda dizer que a personagem de Lygia é um dos sujeitos extraordinários da teoria desenvolvida pelo Raskólnikov de *Crime e Castigo*, um dos que nascem para transgredir as normas e conduzir a sociedade a um novo estágio. Tratar-se-á ainda, um pouco como em García Márquez, de *vivir para contarla*, mas sobretudo de *contarla* para recordá-la e poder continuar a viver sem a «insipidez da virtude».

Em conclusão, tanto Procópio como o narrador de «Helga» são velhos em paz consigo mesmos, para quem a confissão não é uma forma de arrependimento, mas antes oportunidade para transmitir uma visão da vida segundo a qual o crime é aceitável. Essa visão está tocada pelo cinismo que caracteriza a obra de ambos os autores e contém uma sabedoria que, para retomar outro conto de Lygia Fagundes Telles («A presença»), se afia «na pedra da morte»²⁵. A forma breve e singular do conto acaba por impedir o julgamento para que o leitor se sente impelido, abrindo espaço para a reflexão sobre temas eternos, como o mal, a justiça, o outro. É caso, pois, para exclamar, adaptando o aforismo de Hipócrates na sua versão latina: *Ars brevis, vita longa!*

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de (1998). *O enfermeiro*. In ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Sel., introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, vol. II.
- BÍBLIA *sagrada para o terceiro milénio da Encarnação*. 4.ª ed. Coordenação geral de Herculano Alves. Lisboa: Difusora Bíblica; Fátima: Franciscanos Capuchinhos, 2003.
- BRAGA, Rubem (1994). *Uma fada no front*. Sel. de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- BURGOA, Elena (2012). *Reflexões para desenvolver um direito penal de maiores: alguns casos na jurisprudência (Na procura da pena justa para idosos)*. «Julgar online». [Consult. 10 set. 2019]. Disponível em <<http://julgar.pt/wp-content/uploads/2014/07/Elena-Burgoa-Reflex%C3%B5es.pdf>>.
- FOUCAULT, Michel (1978). *The history of sexuality*. New York: Vintage Books. Volume 1: *An Introduction*.
- HILTON, Stanley E. (1983). *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra-espionagem aliada no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira; LIMA, Kamila Rodrigues (2015). *O teor testemunhal no conto «Helga», de Lygia Fagundes Telles: um estudo de memória e identidade*. «Margens: revista interdisciplinar». IX:13 (dez.) 76-85.
- PESSOA, Fernando (2007). *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Ed. de Richard Zenith. 7.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.
- TELLES, Lygia Fagundes (1998). *A presença*. In TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos*. 8.ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- TELLES, Lygia Fagundes (1999). *Helga*. In TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: Rocco.

²⁵ TELLES, 1998: 121.

